

## Luís da Câmara Cascudo, o santo de casa que “faz” milagres: uma leitura da narrativa autobiográfica do “velho professor aposentado”.

KALIANA CALIXTO FERNANDES\*

Contrariando o ditado popular que diz - “santo de casa não faz milagres”, a cidade onde Luís da Câmara Cascudo nasceu rendeu-lhe uma série de homenagens pelo transcurso do seu septuagésimo aniversário de vida e pelos seus cinquenta anos de atividade literária. Em seu diário de memórias “Pequeno manual do doente aprendiz: notas e maginações”, Câmara Cascudo fez o registro de uma das muitas homenagens recebidas pelo transcurso da data.

*Ilma Melo Diniz, presidente da Fundação José Augusto. Dá-me a ler um ofício de 23 de abril comunicando ter a entidade criado o “Prêmio Nacional Luís da Câmara Cascudo”, no valor de oito mil cruzeiros novos, para o herói que fizesse o mais apresentável e decente ramallete com os mata-pastos e marmeleiros que espalhei nos tabuleiros culturais da minha província. (CASCUDO, 1998: 34)*

Os preparativos para a sua “festa dos setenta”, que aconteceu oficialmente no dia do seu nascimento, ou seja, dia 30 de dezembro, se iniciaram cedo, conforme atesta a data do ofício de criação do prêmio nacional Luís da Câmara Cascudo. A festa só terminou no ano seguinte, mais precisamente no dia 9 de fevereiro, conforme indica a “entrada” escrita por Câmara Cascudo em seu diário de memórias - “Na ronda do tempo (diário 1969)”.

*9 de fevereiro – Do lado exterior da porta de entrada encontro uma placa que foi aposta na minha ausência e sobre a qual guardaram cauteloso sigilo.*

*Aqui nesta casa, Luís da Câmara Cascudo, com sabedoria e humildade, completou cinquenta anos de vida intelectual. Homenagem do Rio Grande do Norte. Natal, 30 de dezembro de 1968. (CASCUDO, 2010: 69)*

Nas páginas do seu diário de 1969, também, encontramos o registro da sua “festa dos setenta e um”. Uma festa, onde estiveram presentes o governador do Estado do Rio Grande do Norte e todos os representantes das principais instituições culturais do Estado, marcada por discursos; lançamento de livros sobre a vida e a obra do aniversariante; abertura de uma exposição bibliográfica, organizada pela bibliotecária Zila Mamede, a qual catalogou toda a

\*Mestre em História com área de concentração em espaço, pela UFRN.

sua produção literária realizada ao longo dos seus cinquenta anos de atividade intelectual; e muitos “autógrafos”.

*30 de dezembro – (...) Amanheci salmodiando: setenta e um? Hum! Hum! (...) O padre Guido Tonelotto celebra a Missa de ação de graças à paciência divina de sustentar-me. (...) Às 19 e meia, na biblioteca estadual lançamento do “Viagem ao universo de Câmara Cascudo”. Discursos do Governador Walfredo Gurgel e do autor, Américo de Oliveira Costa (...) O Governador convida minha mulher a descerrar a fita da “Exposição Bibliográfica Câmara Cascudo”, meticulosa e cruel mobilização dos meus pecados culturais, organizada, pela Zila Mamede (...) As 21h horas sessão no Instituto Histórico, com o mundo oficial, social, generoso e cúmplice (...) Lançamento da coletânea de estudos-conferências “Luís da Câmara Cascudo. Sua vida e obra” (Pongetti, 155p, Rio de Janeiro, 1969) Autógrafos, autógrafos, autógrafos, no livro alheio. Terminada a sessão, sou entregue, corpo e alma, à infatigável curiosidade circunjacente. Dália e Cristina defende-me nos limites humanos. Voltamos depois das 23 horas. Soube que o Enélio deitara falação pela Rádio Trairi, alusiva e clandestina, canonizando o pecador jagunço. (grifos do autor) (CASCUDO, 2010: 194-195)*

Sem desconsiderar o fato de que toda a celebração é única. Neste artigo, a partir da ideia defendida pelo filósofo francês Michel Foucault, de que o sujeito é uma obra de rascunho em permanente “invenção”; e dos conceitos de lugar de Yi-Fu Tuan e de espaço de Michel de Certeau, a “festa dos setenta” será tomada em nossa leitura como um marco temporal estratégico para se pensar a atuação de Câmara Cascudo no processo de construção de uma imagem de si profundamente ligada ao espaço da casa, onde morou por quase quarenta anos e produziu grande parte de sua obra; por considerarmos que essa data marcou não só o transcurso de setenta anos de vida e meio século de atividade literária, mas também, o momento de ruptura de Câmara Cascudo com o “mundo fora da casa”. A própria escrita dos seus diários de memórias antes, durante e após os festejos do seu duplo aniversário é um indício, que reforça a nossa hipótese de isolamento de Câmara Cascudo, e de construção através da sua escrita memorialística do seu mundo “dentro” de casa<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Essa foi a hipótese central defendida em meu projeto de dissertação - *Santo de casa “faz” milagre: Luís da Câmara Cascudo, o padroeiro literário da cidade de Natal*, onde eu realizei uma análise discursiva dos três diários de memórias de Câmara Cascudo, publicados antes, durante e após os festejos do seu duplo aniversário, com o propósito de pensarmos o processo de sacralização da casa, onde Câmara Cascudo morou por quase quarenta anos e produziu grande parte de sua obra, elegendo-a como monumento à sua memória, como a sua própria encarnação, como o seu santuário e lugar de adoração, o que vem sendo mantido pelas ações que, ainda

*Eu já não sou o Otinor de Campos, o homem que vai pra África, ao interior africano, ou ao americano. Tenho que ficar em casa, logo, criar algo no mundo da casa: reminiscências, livros. Agora, você sabe, nunca estamos sozinhos quando pensamos. Está ao redor de nós o nosso passado o que nós pensamos, o que nós conversamos, lemos, enfim, o patrimônio pessoal da lembrança. E é isto que me mantém vivo. (ÂNGELO, Assis. O velho que sabe tudo. jornal “Folha de S. Paulo”. São Paulo, 07 de janeiro de 1979)*

“O Tempo e Eu: confidências e proposições” é o primeiro diário de memórias escrito por Câmara Cascudo, o qual constitui a sua versão oficial de si.

*Todo o material, utilizado nessa viagem, foi aparecendo num percurso de setenta anos, “O Tempo e Eu”, andando juntos, inseparáveis, vendo a vida passar com suas multidões. Pus de lado o pormenor das viagens, acolhimento dos famosos, convívio dos grandes, distinções recebidas, visitas carinhosas, relação dos trabalhos. Esses passos deixaram rastros na areia. (CASCUDO, 2008:32)*

No ano seguinte, foi a vez de “O pequeno manual do doente aprendiz: notas e maginações”. O seu diário de hospital foi escrito durante os meses de agosto de 1967; e, de abril de 1968, período em que o “doente aprendiz” esteve internado no Hospital das Clínicas, da cidade de Natal, para tratamento médico. O primeiro internamento foi recomendado pelo médico da família, o doutor Onofre Lopes, para “check-up investigador” e tratamento de erisipela, além de cura pelo “silêncio revigorador” de uma estafa. O segundo se deu após seu desmaio durante um almoço familiar no restaurante rústico do hotel Reis Magos.

*Acordo carregado para o automóvel, lúcido, mas como se deixasse um banho turco. Grito, protestando, quando o carro ruma ao Pronto-Socorro. Quero minha casa, pijama, rede, sossego. Obedecem, mas minha mulher faz deter-se o veículo na porta de Onofre Lopes. Berreiro vexatório. Onofre deve estar viajando. Finalmente galgo a minha escada. Mudam a minha roupa. Deito-me. Não posso adormecer. Aparece Paulo Bittencourt preocupado, auscultador em punho (...) 24 horas depois, Onofre faz funcionar a sua agressividade fraternal (...) rumo ao hospital das clínicas (...) Recomeça o curso do Doente Aprendiz, porque ninguém quer ser profissional na espécie. (CASCUDO, 1998: 89)*

---

hoje, a institucionalização como sendo o seu espaço sagrado. Para esse artigo, a nossa leitura estará centrada no último diário de memórias de Câmara Cascudo, publicado durante esse período.

Já de volta em casa, Câmara Cascudo inicia a escrita do “mais íntimo e confidencial dos (seus) livros”. O diário que a princípio se chamaria “Um ano de minha vida”, foi publicado em 1971, com um novo título: “Na ronda do tempo (diário de 1969)”. Nele, o “velho professor aposentado” registrou as visitas e os pensamentos, que o procuraram durante o ano de 1969.

*Este é o mais íntimo e confidencial dos meus livros. Além de “O Tempo e Eu” (1968) e do “Pequeno Manual do Doente Aprendiz” (1969). Terá pequena edição e não se repetirá enquanto eu viver. Solilóquios de um velho professor aposentado e no aposento de sua pequenina biblioteca. Registro de visitas e pensamentos que o procuraram durante um ano. Nem mesmo viagem em torno de mim mesmo. Mas, de dentro pra fora, como num exame de sangue. (CASCUDO, 2010: 17)*

No dia 16 de janeiro de 1969, durante a gravação de um depoimento de Câmara Cascudo para compor o acervo do Museu da Imagem e do Som, do Rio de Janeiro, ao ser questionado por um de seus entrevistadores se continuaria a publicar as suas memórias, Câmara Cascudo não resistiu e revelou a Joracy Camargo, um dos seus entrevistadores, que estava escrevendo “devagar” (porque não queria escrever) um livro intitulado “Um ano de minha vida”: “cada dia pequenas coisas, pequena seleção, noutro dia, outra”.

*Joracy Camargo – Você vai continuar a publicar as suas memórias, naquele estilo saboroso, antes que eu me esqueça, aquela maravilha de “O Tempo e Eu”?*

*Luís da Câmara Cascudo – Perguntar ao sujeito “Você vai deixar de beber cachaça?” (risos) “Peixinho você vai deixar de nadar?” Eu tinha muita vontade, compadre Joracy, mas até aqui é um plano – ora, isso é um desaforo muito grande, eu ia guardar segredo – mas eu resisto a tudo menos a uma tentação. A história é essa, eu estou escrevendo devagar, porque não quero escrever... tudo o que fiz foi um prelo, um livro intitulado “Um ano de minha vida”, quer dizer, cada dia pequenas coisas, pequena seleção, noutro dia, outra. Vai a pergunta: isso só pode interessar a mim. Você se lembra daquela velha anedota lá no Zoo, em Londres, quando a senhora pergunta ao encarregado da jaula onde estão os hipopótamos, que é um animal lindo (eu sou fanático por hipopótamo):*

*- Esse hipopótamo é macho ou fêmea?*

*E o guarda diz:*

*- Isso só pode interessar ao hipopótamo? (risos)*

*Isso só pode interessar a um sujeito chamado Luís da Câmara Cascudo.*

(LYRA, 1999: 35)

Aparentemente, para quem o lê, o diário parece ser feito de fragmentos de memórias totalmente desconexos entre si. Porém, para quem o escreve todos os fatos narrados estão amarrados numa sequência significativa. Isso porque apesar de apresentar uma estrutura narrativa extremamente fragmentada, escrever uma “entrada”, nome que se dá a cada anotação escrita nas páginas do diário, pressupõe uma triagem do vivido para organizá-lo segundo eixos significativos a fim de atribuir-lhe uma identidade narrativa. Cada dia “pequenas coisas” e ao final de um ano temos um arquivo do vivido, o qual isolado do futuro será incorporado ao passado indicando para as gerações futuras o modo como o diarista deseja ser lembrado.

Aliás, não só para as gerações futuras, como também, para as gerações contemporâneas à data de publicação do diário, como é o caso de “Na ronda do tempo (diário de 1969)”, selecionado para essa leitura como a nossa principal fonte historiográfica, por acreditarmos na hipótese de que o registro feito por Câmara Cascudo da intensa movimentação de “romeiros” em torno da sua casa, durante o ano de 1969, tenha estimulado entre os seus “fiéis” o início da prática discursiva de registrar sob a forma de relato o dia em que esteve na casa do “mestre de todos nós”. O primeiro argumento utilizado por nós para reforçar a nossa hipótese é o fato de não termos encontrado, em nenhum dos registros consultados, um relato que tenha sido escrito anterior ao ano de 1971, data em que foi publicada a primeira edição do diário de 1969. Todos os relatos consultados para essa leitura foram escritos e publicados após o ano da primeira edição do diário de 1969.

*1º de janeiro de 1969 - Por que não fiz diário em 1968? Teria muito que contar dos outros e de mim. (CASCUDO, 2010: 22)*

Ao pesquisarmos o significado da palavra “solilóquio” utilizada por Câmara Cascudo, no prefácio do seu diário de 1969, para apresentar “o mais íntimo e confidencial dos (seus) livros” aos seus leitores. Nós descobrimos que essa é uma palavra de origem latina

“solilóquium” (solus= sozinho e loqui=falar), que apresenta etimologicamente o mesmo significado de “monólogo” palavra de origem grega (mono=um e logus=palavra), que significa uma longa fala ou discurso pronunciado por uma única pessoa. Porém, enquanto, no monólogo pressupõe a existência de um único orador que fala para uma plateia “muda”. No “solilóquio”, o orador apesar de “literalmente” sozinho a sua fala se constitui a partir de um “diálogo”, travado internamente entre a pessoa que fala e o “eu” interior que habita dentro dela. O que nos leva a inferir que nas páginas do diário de 1969 não foi registrada as “pequenas coisas da vida de um homem”, mas de “dois” Cascudos.

*8 de janeiro - (...) Visita de uma professora do Recife, E. M. Diz-me ter visto as duas coisas “notáveis” da província: o cajueiro de Pirangi e “Mestre Cascudo”. É mentira, mas é gostoso. (CASCUDO, 2010: 29)*

“É mentira, mas é gostoso”. “Rumando ao tranquilo anoitecer”, “o velho professor aposentado” realiza um “depoimento revelador” da sua convivência “íntima” com uma imagem de si lançada institucionalmente nas páginas do número especial da revista “Província<sup>2</sup>”.

*Quanto a mim, entretanto, que Deus me livre de macular a obra de Cascudinho, escrevendo um ensaio, um artigo, uma crônica, ou seja lá o que for sobre sua produção literária e científica. Seria uma grande falta de respeito, mesmo para louvar e pôr em relevo seus inumeráveis valores estéticos e literários. Seria perturbar o seu merecido repouso, depois de cinquenta anos de atividades fecundas (...) Cascudo já não mais está ao alcance da crítica, e só mais tarde é que sua obra poderá ser objeto de pesquisas. Agora, é apenas aceitar, admirar e consagrar o que pensou e escreveu (...) De Cascudo apenas ousar falar do homem, dele mesmo, das atitudes humanas, do temperamento de um escritor que se enfiou na toca da Junqueira Aires, mas que não conseguiu se esconder de seu povo (...) Quem for a Natal há de verificar que o povo que o ama com aquela percepção total só permitida à sensibilidade coletiva, que sente, que intui, que não precisa saber*

---

<sup>2</sup> Uma publicação da Fundação José Augusto, que além de ter criado um prêmio nacional com o nome de Câmara Cascudo, também, fez publicar um número especial da sua revista para marcar a data no calendário cultural do estado. Para essa edição, colaboraram grandes nomes da cultura local e nacional, como exemplo, nós podemos citar: Carlos Drummond de Andrade; Renato Almeida; Jorge Amado; Gilberto Freyre; João Medeiros Filho e Afonso Arinos de Melo Franco, os quais através de seus depoimentos atestaram a notoriedade do aniversariante ilustre.

*porque o ama, e não se sabe se é um homem ou se é um Deus.* (CAMARGO, 1998: 23-24)

Os festejos dos seus setenta anos de vida e dos seus cinquenta anos de atividade literária são marcados por uma série de celebrações, as quais serão incluídas no calendário cultural do Estado do Rio Grande do Norte, o qual passará a reverenciar a partir dessa data a cada aniversário do “velho professor aposentado” a imagem do homem-monumento, “que não se sabe se é um homem ou se é um Deus”. Câmara Cascudo se torna “objeto” de adoração por todos na cidade, “recebendo (ainda em vida) de seus patrícios e semelhantes, as homenagens mais afetuosas e permanentes, sem que as sugerisse direta ou indiretamente” (CASCUDO, 2008: 172), rompendo com outra ideia bastante presente em nosso senso comum a de que “os homens em geral só fazem justiça aos seus semelhantes depois que eles abatidos pela morte, deixam de lhe fazer concorrência”. (CASCUDO, *idem*)

*Cascudo, como escritor, é apontado como um santo de casa que faz milagres. E, o mestre tem uma explicação para isso: “o segredo é fazer os milagres da casa e não os milagres de fora. Eu nunca segui orientação alheia a minha vocação. Estudei a cultura popular do meu país. Fiquei trabalhando na minha cidade, de maneira que isso deu a população à impressão de uma fidelidade à finalidade institucional”. (jornal A República, 26 de fevereiro de 1983<sup>3</sup>)*

O “segredo” foi ter permanecido “fiel” a sua “história de um professor de província”. Uma história protagonizada pelo coronel Francisco Cascudo, o seu pai. O delegado de polícia militar, do interior do Estado do Rio Grande do Norte, que se transferiu com a sua família para a capital potiguar para seguir a carreira militar; e se tornou num curto prazo de tempo um dos homens mais ricos e influentes da cidade. O que explica o fato de não termos encontrado uma única linha, em nenhum dos seus três diários de memórias, sobre a história da casa onde morava e produziu grande parte de sua obra, visto que a história dessa casa é a história da família Freire em Natal. Essa é a casa onde nasceu Dona Dália Freire, a mulher que viria a se tornar, numa cerimônia celebrada, também, nessa casa, no dia 21 de abril de 1929, a sua esposa.

---

<sup>3</sup> Trecho retirado das páginas do jornal A República. Natal, 26 de fevereiro de 1983. Matéria originalmente publicada pelo jornal O Globo.

A casa onde Câmara Cascudo viveu por quase quarenta anos e produziu grande parte de sua obra, foi construída em fins de 1900 pelo industrial, o coronel Afonso Saraiva Maranhão. Em 1910, após a morte do coronel a casa foi vendida ao juiz federal José Teotônio Freire, que nela residiu com sua família até 1944, ano de seu falecimento. Em seguida, a casa foi alugada pela viúva do juiz federal, Dona Maria Leopoldina Viana, a um órgão ligado ao Exército, que devido ao mau estado de conservação do imóvel decidiu colocá-lo à venda, em 1947, o qual foi imediatamente comprado pelo seu genro, Luís da Câmara Cascudo que passou nele a residir com sua família até o dia do seu falecimento, 30 de julho de 1986<sup>4</sup>. Assim, na ausência de uma história genealógica sobre a casa escolhida para representar concretamente a sua história na cidade onde nasceu, cresceu e viveu toda a sua vida, Câmara Cascudo a transformou num espaço mítico povoado de lendas contadas pelo povo da cidade.

*Quando cheguei pela primeira vez a Natal, ansioso por abraçá-lo, nem lhe conhecia a morada. Não havia por ali ninguém de colarinho e gravata a quem perguntar. Apenas uns garotos meio esfarrapados, carinhas sujas, jogavam gude em plena rua; arrisquei a pergunta: Sabem onde mora o escritor Câmara Cascudo? E logo todos gritaram: Ora moço sabemos todos! (...) Já defronte ao número 377 da rua Junqueira Aires (...) Ao subir a pequena escada, senti a emoção de um crente fervoroso que entrasse no vaticano para ver o Papa. E já dentro da velha casa, defendendo-me dos livros mal arrumados, parecendo que vão soterrar as visitas, e vendo os bonecos folclóricos o bando de meninos da rua, que alegria, que efusão, a mesma do reencontro de velhos amigos. Ainda com a voz embargada, pedi um copo d'água, e Cascudo fez questão de que eu a bebesse no copo de prata. Seria água benta? Não sei, mas era pura, e chegava a ter sabor. Tinha gosto de afeto, como se tivesse jorrado do coração de Cascudo. (CAMARGO, 1998: 23-24)*

Ao definir o que é um “não-lugar”, Marc Augé nos ajuda a pensar sobre o modo como se constitui um lugar. Um processo que pode ser descrito numa única palavra “relação”. Ela é construída através do estabelecimento de vínculos sejam eles afetivos e/ou culturais; e, os relatos dos “romeiros”, nesse sentido, tiveram um papel fundamental na construção e

---

<sup>4</sup>Todas as informações citadas sobre a casa de Câmara Cascudo foram retiradas dos relatórios produzidos pela Fundação José Augusto, para integrar o pedido de tombamento do imóvel, os quais se encontram arquivados no Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, da Fundação José Augusto. Natal/ RN.

manutenção dos laços que ligavam as pessoas, sejam elas moradoras ou não da cidade, a casa de Cascudo.

*O Mestre Cascudo, já o disseram é o “mestre de todos nós”, e como eu duvidasse, fui lá e vi-o, numa simples tarde de maio, e senti as palavras do Mestre.*  
(PATRIOTA, Nelson. Encontro com Mestre Cascudo. jornal “A República”. Natal, 22 de maio de 1974)

A nossa vida ainda se rege por certas dicotomias inultrapassáveis, invioláveis, dicotomias as quais as nossas instituições ainda não tiveram coragem de dissipar. Essas dicotomias são oposições que tomamos como dadas à partida: por exemplo, entre espaço público e privado, entre espaço familiar e espaço social, entre espaço cultural e espaço útil, entre espaço de lazer e espaço de trabalho. Todas estas oposições se mantêm devido à presença oculta do sagrado. (FOUCAULT, 2001: 413). Por isso, o “normal”, o “esperado” e o “legitimado” é que ao atravessarmos a fronteira que divide o espaço público e o espaço privado essa mudança, também, venha acompanhada de uma alteração em relação às nossas atitudes; os nossos gestos; às nossas roupas e os nossos papéis sociais, pois sabemos e aprendemos desde cedo que certas coisas só podem ser feitas em casa; e, mesmo assim, dentro de determinados espaços.

*Tenho alegria em continuar Professor. Diariamente Dahlia transmite ao telefone respostas às consultas de História, Literatura, Etnografia, além de rapazes e moças que recebo e oriento, ditando notas ou emprestando livros. Fácil é indicar temas aos estudantes sem que saibam onde estão as fontes, notadamente quando se trata do Rio Grande do Norte. O caminho natural leva à Junqueira Aires, 377, ou ao telefone 1852. (CASCUDO, 2010: 90)*

Os discursos produzidos pelos “romeiros” destacam a hospitalidade do “mestre de todos nós” que recebe a todos sem distinção em seu sobrado que dispensa o uso de endereço, pois “o caminho natural leva a Junqueira Aires, 377, ou ao telefone 1852”. O que a princípio poderia ser lido como um gesto transgressor, o fato de Câmara Cascudo ter aberto as portas do seu sobrado a todos os que o procuravam, significou justamente o inverso, pois esta abertura veio condicionada a um conjunto de normas, que supervalorizadas pelo discurso da imprensa local e pelas práticas não discursivas dos agentes do poder político local transformaram a casa

de Cascudo num espaço sagrado não só para Cascudo o “homem de família” - esposo amoroso, pai cuidadoso e o avô que não se cansa de “estragar” os netos com os seus excessos de mimos; mas também, para o Estado do Rio Grande do Norte, conforme indica os dizeres da placa fixada, “em sua ausência”, na porta de entrada da sua casa.

Pisar no solo sagrado do Estado do Rio Grande do Norte envolvia o cumprimento de um conjunto de regras estabelecidas pelo próprio Câmara Cascudo, que graças ao apoio incondicional da sua família, responsável pela manutenção do cerimonial religioso de visitação a casa do mestre, essas regras eram cumpridas por todos. Até mesmo pelo ex-presidente da República.

*Mestre Cascudo tem uma maneira toda especial de “despachar” as pessoas quando o papo já está cansando. Mas o interessante é que o ex-presidente Juscelino Kubitschek veio a Natal e fez questão de conhecer o papa do folclore. Lá pras tantas, reparando que Cascudo apenas ouvia a conversa, o presidente disse: mestre Cascudo, quando chegar a hora de sair do terreiro me avise. É que a maneira de Câmara Cascudo expulsar a sua molecada (ex-alunos, amigos) já era conhecida em todo o Brasil. Até o presidente. (LUIZ, Gildson. O terreiro de Cascudo. jornal A República. Natal, 01 de outubro de 1974)*

O discurso dos jornalistas “romeiros” teve um papel importante no processo de sacralização da casa de Câmara Cascudo, pois por uma questão de limitação física do entrevistado, as entrevistas aconteciam invariavelmente no espaço da sua casa; e isso foi utilizado como um elemento importante dentro da montagem do discurso biográfico de Câmara Cascudo pelos jornalistas, descrevendo a casa como portadora de uma penumbra santa irradiada pela presença do “mestre de todos nós”, os quais costumavam abrir as suas matérias com a narração da comoção sentida ao entrar na casa do “grande Luís da Câmara Cascudo”.

*Cidade do Natal, 1984. O carro entra por uma rua calma e iluminada pelo generoso sol de janeiro. À esquerda, uma grande casa, acinzentada, com muros altos e uma escada íngreme. Viveiro de pássaros, um denso jardim e uma construção que nos relembra o início do século. Toco o sininho. Uma menina vem atender, descalça. Convida-me a entrar. Logo chega Dona Dália, muito solícita e me aperta a mão com delicadeza. Pronto. Ali estava eu, magra e insegura, gravador em punho e muitas perguntas a fazer ao grande Luís da Câmara Cascudo*

Câmara Cascudo era visitado em sua casa por jornalistas, artistas, intelectuais, políticos, estudantes, pesquisadores, religiosos e curiosos anônimos. Nas páginas do jornal “A República” nós encontramos o registro dos visitantes ilustres que estiveram em sua casa. Aliás, não só a imprensa local, como também, o próprio Câmara Cascudo fez questão de registrar nas páginas do seu diário de 1969 e nas paredes, portas e janelas da sua biblioteca as pessoas que visitaram a sua casa.

*Essas paredes da minha salinha são curiosas, porque têm alguns milheiros de autógrafos: professores, estudantes, cantores, tudo, políticos, ex-presidente da República, ministro de Estado, gente que passou por aqui para dar um show, outros para dar um show também, mas na acepção política administrativa rodeada de reverências, deram-me a surpresa da presença e do autógrafo na parede. De maneira que é, também, uma espécie de álbum hoje raro porque também uma larga percentagem tem desaparecido. (CASCUDO, Luís da Câmara. Cascudo e a sua Biblioteca. In: LYRA, 1999: 50)*

De acordo com os seus familiares, essa foi uma ideia do próprio Câmara Cascudo, que pedia a todos os visitantes para que assinassem nas paredes de sua biblioteca. Não nos foi possível precisar o ano em que essa prática autorizada por Câmara Cascudo se iniciou entre os seus visitantes. Porém, ele deixou claro que ao falecer o ritual deveria ser definitivamente interrompido. O que nós podemos é inferir a partir da data colocada ao lado de alguma das assinaturas, que essa foi uma prática que se iniciou pouco depois de sua mudança para essa casa. Como atesta a assinatura datada de 1955, deixada por Sylvio Piza Pedroza, prefeito da cidade de Natal (1946-1951) e governador do estado do Rio Grande do Norte (1951-1956).

Numa crônica publicada no dia 24 de julho de 1947, meses depois da sua transferência para essa casa, ocorrida no dia 09 de janeiro, o escritor potiguar lamentou o fato da casa onde Machado de Assis residiu tantos anos, escreveu tantos livros e morreu, tenha sido “vendida, derrubada, substituída por um palacete particular”, “num ambiente de desinteresse sereno, de risonha displicência, de conformismo superior”.

*Onde Machado de Assis residiu tantos anos e escreveu tantos livros e onde morreu, a casa na rua do Cosme Velho, já existe, vendida, derrubada, substituída por palacete particular. Tudo se processou num ambiente de desinteresse sereno, de risonha displicência, de conformismo superior. (...) Onde faleceu Auta de Souza*

*devia merecer, urgentemente, uma placa e aqui deixo o meu apelo à Academia. Possa um pedido sereno do pintor José Pancetti, dirigido ao governador do estado do Rio de Janeiro, evitar que a casa onde nasceu Casimiro de Abreu, em Barra de São João continue sendo visitada pelas cobras e esperando no Tempo os benefícios do desabamento.* (CASCUDO, Luís da Câmara. Triste fim das casas ilustres. Jornal “Diário de Natal”. Natal, 24 de julho de 1947).

Em fevereiro de 1990, através da portaria nº 045/90, a casa de Câmara Cascudo foi tombada. Anexado ao pedido de tombamento, encaminhado pela Fundação José Augusto ao Conselho Estadual de Cultura do RN, existiam dois relatórios. Num deles foi feito um estudo minucioso da trajetória histórica do prédio, com a citação nominal de todos os seus antigos proprietários indo até o nome do seu proprietário atual. No outro foi feita uma análise técnica da casa, com a descrição detalhada de suas principais características físicas. Porém, o que pesou, na decisão do relator do processo, que concedeu parecer favorável ao pedido de tombamento, assim como, também, na justificativa dada pela Fundação José Augusto para o encaminhamento do pedido, foi “a circunstância de nela se haver instalado, e a ela se haver incorporado, como em nenhum outro local, a presença do mestre ilustre, que honra as letras e a inteligência do Rio Grande do Norte<sup>5</sup>”, pois, conforme nos ensinou o mestre Cascudo: “a morte existe; os mortos não!” (CASCUDO, 2010; 141).

### **Referências bibliográficas**

ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco; Lapa, 1996.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; São Paulo: Cortez, 1999.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a antropologia da supermodernidade*. 4 ed. Campinas: Papirus, 1994.

---

<sup>5</sup> Parecer nº 06/ 89 – CEC/RN. pág. 05.

BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 5 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. pp. 183-191.

BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 9 ed. São Paulo: Companhia das letras.

CERTEAU, Michel. Práticas de espaço. In: CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 1. p. 165-217.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a Rua: espaço cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELGADO, Andréia Ferreira. *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. Campinas, 2003. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 24ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. Outros Espaços. In: *Ditos e Escritos*. Vol. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, pp. 411-42.

GAGNEBIN, Jeanne. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

LARROSA, Jorge. Notas sobre narrativa e identidade. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2004.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico de Rousseau à internet*; (Org) NORONHA, Jovita Maria Gerheim; (trad.) NORONHA, Jovita Maria Gerheim; GUEDES, Maria Inês Coimbra. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

NORA, Pierre. Entre memórias e história. A problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo, n 10, p. 8-28.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. Rio de Janeiro: CPDOC, 1989. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2009.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.